

INQUÉRITO de CONJUNTURA

3º Trimestre de 2012

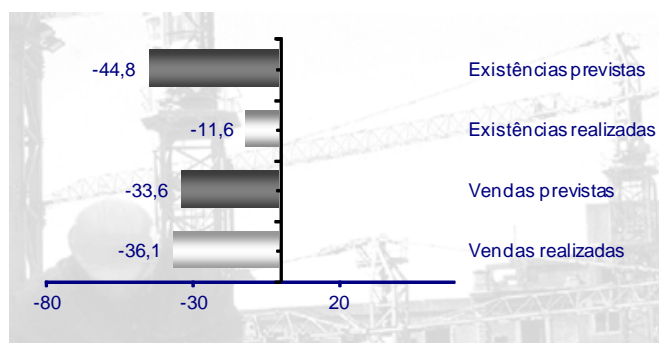
- As Vendas e o Nível de Atividade evoluíram desfavoravelmente para a maioria das empresas
- A esmagadora maioria das empresas registaram uma redução das vendas face ao mesmo período do ano anterior
- Empresas preveem continuação do agravamento da situação no 4º trimestre de 2012

APRECIÇÃO GLOBAL

Não obstante a degradação contínua observada no mercado, o número de empresas que reportaram uma nova quebra das vendas face ao 2º trimestre do ano sofreu uma acentuada redução, confirmando as previsões expressas no estudo anterior.

A percentagem de empresas que registou quebras de vendas face ao trimestre anterior foi de 38,3% (contra os 62,1% observados no 2º trimestre), enquanto o SRE (saldo das respostas extremas) das “vendas” passou de -52,8% para -36,1%, muito próximo do que estava previsto (-33,6%).

VENDAS E STOCKS - 3º TRIMESTRE 2012
(SRE - saldo das respostas extremas)



Apesar da menor intensidade observada na evolução negativa do indicador das “vendas trimestrais”, importa destacar, também, a diminuição da percentagem das empresas que referiram o seu aumento (apenas 2,2% contra os 9,3% registados no trimestre anterior).

Paradoxalmente, a menos que se tenha assistido a um movimento generalizado de reposição de stocks, a percentagem de empresas que afirmou ter diminuído as “existências” (19,4%), assim como o SRE deste indicador (-11,6%), ficaram bastante aquém, quer das

previsões, quer dos valores obtidos no indicador das vendas, não obstante as diferenças substanciais observadas em cada um dos subsectores. Na verdade, enquanto no subsector armazenista número de empresas que fez o ajustamento foi muito reduzido, ao contrário do que ocorrera nos dois trimestres anteriores, (32,4% diminuiram as vendas e apenas 5,4% reduziram existências - ver também SRE), no segmento retalhista o comportamento foi bem mais consistente (42,5% das empresas diminuiram as vendas e 29,2% reduziram existências).

Com efeito, apesar de ambos os subsectores continuem a partilhar uma evolução de sentido negativo, armazenistas e retalhistas voltaram a apresentar diferenças significativas em quase todos os indicadores.

3º TRIMESTRE DE 2012

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	- 36,1	- 31,0	- 39,7
Existências	- 11,6	- 5,4	- 24,5
Preços	- 13,3	+ 6,8	- 27,3
Atividade	- 48,2	- 37,5	- 63,6
Vendas homólogas	- 77,8	- 68,8	- 90,9

Neste período, as empresas retalhistas, com exceção da evolução do “nível de existências”, evidenciaram uma degradação mais acentuada em todos os outros indicadores, particularmente nas “vendas homólogas”, no “nível de atividade” e nos “preços de venda”.

Pelo quinto trimestre consecutivo, o SRE dos “preços de venda” foi negativo (-13,3%), apontando para a continuação da tendência de descida, em contradição com a pressão inflacionista que continua a fazer-se sentir nos preços da maioria dos bens e serviços. Contudo, os comportamentos dos dois subsectores tiveram sentidos contrários, com os armazenistas a apresentarem, uma vez mais, um SRE ligeiramente positivo (6,8%), enquanto no subsector retalhista o SRE manteve um registo negativo (-27,3%) e bastante superior ao do 2º trimestre (-16,8%).

A tendência de diminuição dos preços foi mais ou menos generalizada, à exceção dos seguintes grupos de produtos: “materiais básicos (cimento, cal, gesso,

areia, pedra e brita)", "tubagens e acessórios de ferro e cobre" e "tubagens e acessórios em plástico". Os grupos de produtos em o SRE dos preços de venda foi mais negativo, revelando maior pressão no sentido da descida foram, desta vez: os "perfis, caixilharias e acessórios" e o "material de construção de vidro".

3º TRIMESTRE DE 2012
(variação dos valores do SRE - saldo das respostas extremas - face ao trimestre anterior)

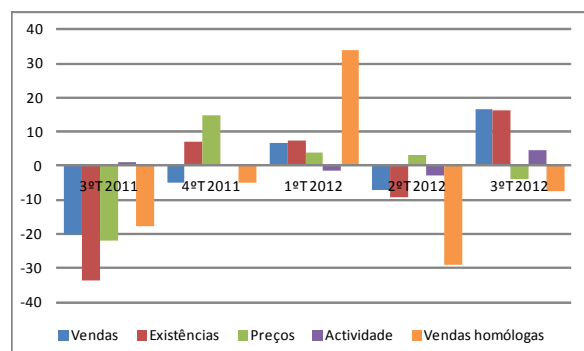
Indicadores	Variação do saldo das respostas extremas em pontos percentuais		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Vendas	+ 16,7	+ 4,5	+ 20,5
Existências	+ 16,3	+ 25,9	+ 2,0
Preços	- 4,0	- 1,5	- 10,5
Atividade	+ 4,7	+ 22,5	- 20,8
Vendas homólogas	- 7,2	+ 7,0	- 26,6

(sinal "-" indica pioria ou diminuição; sinal "+" indica melhoria ou aumento)

A evolução trimestral do setor, medida pela variação da maioria dos indicadores, teve um sinal maioritariamente negativo, apenas contrariado por algum abrandamento na queda dos indicadores "vendas" e "atividade", este último em resultado do melhor comportamento do subsector armazenista. No que respeita à comparação com igual período do ano anterior, o indicador "vendas homólogas" piorou face ao observado no 2º trimestre, influenciada sobretudo pelo pior desempenho do subsector retalhista.

No caso das "existências", o sinal positivo não sugere, necessariamente, uma melhoria da situação, antes pelo contrário, já que esta tem que ser também avaliada em termos relativos, isto é, em função do comportamento das vendas. Neste caso, aquilo que podemos constatar é que nem todas as empresas que reduziram as suas vendas fizeram uma correção correspondente nos inventários, o que, na conjuntura atual, mais do que uma opção, deverá ser considerado como uma restrição com carácter negativo.

VARIAÇÃO DOS VALORES DOS SALDOS DAS RESPOSTAS EXTREMAS FACE AO TRIMESTRE ANTERIOR

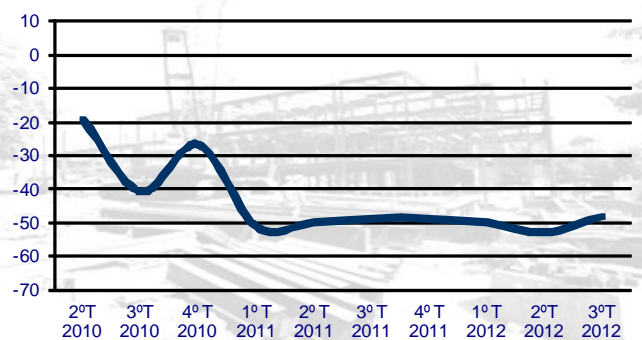


A avaliação realizada pelas empresas quanto ao respetivo "nível de atividade" revela, como dissemos atrás, uma pequena diminuição de intensidade no agravamento sentido face ao período anterior, medido não só através da percentagem das que o classificou como "deficiente", que desceu de 58,8% para 51,9%, mas também pelo SRE que passou de -52,9% para -48,2%, o qual teve origem, como já vimos, no subsector armazenista com apenas 37,5% de respostas no item "deficiente", contra 72,7% no subsector retalhista.

Entre as causas invocadas pelas empresas destacaram-se a "falta de encomendas" com 92,9% das respostas, seguidas pelas "dificuldades de tesouraria referidos por 35,7% dos inquiridos.

O recurso ao crédito bancário para financiamento da atividade corrente foi indicado por 33,3% da amostra, com destaque para as empresas armazenistas (43,8% das respostas), ao contrário do segmento retalhista em que a utilização do crédito bancário só foi referida por 18,2%, ainda que acima da percentagem observada no trimestre anterior (7,1%). A maioria das empresas que referiram a utilização de crédito da banca considerou "fácil" a sua obtenção (18,5%), contra 14,8% que a classificaram como "difícil".

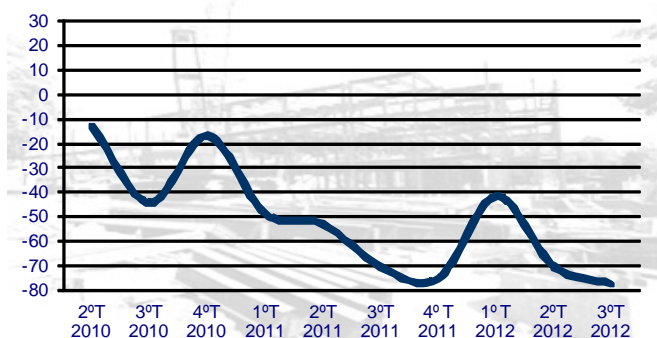
EVOLUÇÃO DO NÍVEL DE ATIVIDADE (SRE - saldo das respostas extremas)



A evolução das "vendas homólogas" foi onde mais se refletiu a redução da atividade das empresas do comércio de materiais de construção neste 3º trimestre, mostrando, tal como no trimestre antecedente e de forma mais agravada, uma contração violenta em relação ao mesmo período do ano anterior.

O saldo negativo das respostas extremas observado neste 3º trimestre de 2012 foi de -77,8%, não se tendo registado qualquer resposta indicando o aumento das vendas face ao 3º Trimestre de 2011.

VOLUME DE VENDAS COMPARADO COM O MESMO PERÍODO DO ANO ANTERIOR (SRE – saldo das respostas extremas)



As expectativas para o 4º Trimestre de 2012 voltam a apresentar uma tendência negativa, como já havia sucedido no estudo anterior, sugerindo um ligeiro aumento da intensidade do agravamento da recessão no setor.

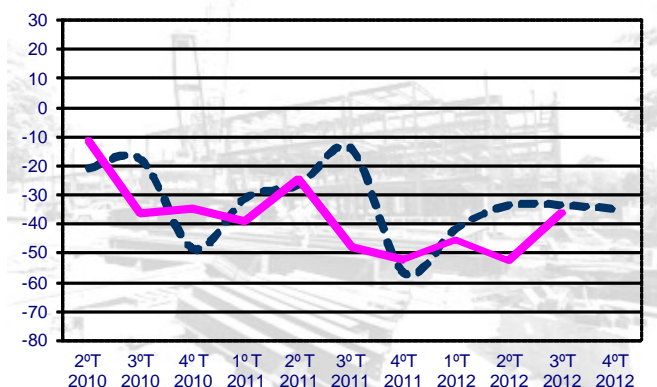
PERSPETIVAS PARA O 4º TRIMESTRE DE 2012

Indicadores	SRE - saldo das respostas extremas (%)		
	Sector	Armazenistas	Retalhistas
Cart. Encomendas	- 37,3	- 25,6	- 45,3
Vendas	- 35,0	- 27,0	- 40,6
Enc. Forneced.	- 37,8	- 29,7	- 43,4
Existências	- 32,2	- 24,3	- 37,7

Contudo, se observarmos o gráfico “Vendas Previstas e Vendas Realizadas” que se segue, verificamos que as expectativas dos empresários para o 4º trimestre do ano, quer em 2010, quer em 2011, ficaram sempre aquém do que posteriormente veio a verificar-se.

Esperemos sinceramente que assim seja, mas a evolução recente da política orçamental e a perspetiva de forte redução do poder de compra em 2013 poderão originar, por antecipação, um arrefecimento maior da economia já no último trimestre deste ano...

Vendas Previstas e Vendas Realizadas (saldo das respostas extremas)



Acresce que os dados mais recentes sobre a conjuntura no setor da construção divulgados pelo INE, quer o comportamento do índice de produção, quer do emprego e a evolução do próprio licenciamento de obras, deixam antever, no imediato, novo agravamento das dificuldades.

De fato, o índice de produção na construção apresentou, em Outubro, uma variação homóloga de -18,1% (variação de -18,3% em setembro), correspondendo a uma variação de -20,5% no segmento da Engenharia Civil e de -15,3% na Construção de Edifícios.

Ao mesmo tempo, o índice de emprego no setor da construção apresentou, em termos homólogos uma diminuição de -18,3%. Face ao mês anterior, o índice de emprego registou uma taxa de variação de -1,4%.

Também o licenciamento de obras acentuou a tendência decrescente no 3º trimestre de 2012, tendo registado novos níveis mínimos. O número de edifícios licenciados registou uma redução média anual de 14,4%, fixando-se em 5,1 mil edifícios. Todas as variáveis em análise registaram os valores trimestrais mais baixos desde o 1º trimestre de 2001.

Tudo indica, infelizmente, que o processo de contração do mercado e de diminuição das vendas de materiais de construção se vá prolongar por mais algum tempo, porventura até meados de 2013, altura em que as alterações à chamada “lei das rendas deverão começar a produzir alguns efeitos positivos na recuperação da “confiança” dos proprietários, estimulando a dinamização do mercado do arrendamento e, por arrasto, da atividade de renovação e reabilitação de edifícios, isto se o aumento brutal da fiscalidade e as dificuldades na obtenção de crédito não representarem um constrangimento suscetível de anular temporariamente esses estímulos.

Entretanto, enquanto não for ultrapassada esta fase mais difícil do “ajustamento” das contas públicas e não chegarem os estímulos do próximo quadro comunitário (com algumas medidas muito dirigidas à eficiência energética e à regeneração urbana), só poderemos contar com o natural aumento das necessidades de manutenção e de renovação dos edifícios que são cada vez menos novos e esperar que as alterações legislativas necessárias para agilizar as obras de reabilitação, libertando-as de exigências que só têm sentido para a obra nova, vejam finalmente a luz.